



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 12/09/2025 e 18/09/2025

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (PPGDR/FIDENE/UNIJUI).

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
12/09/2025	10,25	288,30	51,38	5,03	3,99
15/09/2025	10,42	285,20	51,76	5,25	4,23
16/09/2025	10,49	285,80	52,69	5,34	4,29
17/09/2025	10,43	283,90	51,24	5,28	4,26
18/09/2025	10,37	283,00	50,57	5,24	4,23
Média	10,39	285,24	51,53	5,23	4,20

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Nonoai	123,00	
RS – Não Me Toque	123,00	
PR – Pato Branco	123,00	
PR – M.C.Rondon	119,00	
MT – C.N.Parecis	120,00	
MS – Maracaju	126,00	
GO - Rio Verde	120,00	
BA – L.E.Magalhães	124,50	
MILHO(**)		
Porto de Santos	65,00	CIF
Porto de Paranaguá	67,00	CIF
Porto de Rio Grande	SC	
RS – Não-Me-Toque	60,00	
SC – Rio do Sul	64,00	
PR – M.C.Rondon	52,00	
PR – Pato Branco	56,00	
MT – C.N.Parecis	46,00	
MS – Maracaju	53,00	
SP – Itapetininga	58,00	
SP – Campinas	64,00	CIF
GO – Rio Verde	53,00	
GO – Jataí	53,00	
TRIGO (**)		
RS – Nonoai	68,00	
RS – Não Me Toque	68,00	
PR – Pato Branco	73,00	
PR – M.C.Rondon	69,00	

Período: 17/09/2025

SC=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 18/09/2025**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	61,92	126,09	69,25

ND = Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
18/09/2025**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	65,06
Feijão (saco 60 Kg)	176,43
Sorgo (saco 60 Kg)	52,00***
Suíno tipo carne (Kg vivo)	6,38
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,49**
Boi gordo (Kg vivo)*	10,44

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Referência Junho/25, cf. Cepea/Esalq

(***) Cf. Notícias Agrícolas

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

MERCADO DA SOJA

Na esteira do anúncio do relatório de oferta e demanda do USDA, no dia 12/09, o mercado da soja assumiu uma postura mais altista, embora o relatório e os fundamentos deste mercado sejam baixistas. Assim, o fechamento desta quinta-feira (18), para o primeiro mês cotado (agora novembro), ficou em US\$ 10,37/bushel, contra US\$ 10,15 uma semana antes.

Dito isso, o relatório aumentou a estimativa de colheita nos EUA para 117,1 milhões de toneladas para a safra 2025/26, contra 116,8 milhões em agosto. Os estoques finais estadunidenses somam, agora, 8,2 milhões, contra 7,9 milhões de toneladas em agosto. A produção mundial de soja passou a 425,9 milhões de toneladas, contra 426,4 milhões, enquanto os estoques finais mundiais fechariam este novo ano comercial em 124 milhões de toneladas, contra 124,9 milhões em agosto. A produção brasileira seria de 175 milhões e a da Argentina de 48,5 milhões de toneladas, enquanto as importações chinesas foram mantidas em 112 milhões de toneladas. Diante disso, o preço médio ao produtor de soja estadunidense, em 2025/26, foi reduzido em 10 centavos de dólar, ficando agora em US\$ 10,00/bushel.

Enquanto isso, no dia 14/09, 5% da área de soja nos EUA havia sido colhida, contra 3% na média para esta época. Das lavouras ainda a colher, 63% estavam em boas ou excelentes condições, contra 64% da semana anterior, sendo que 41% das lavouras registravam queda das folhas.

E no Brasil, apesar de Chicago um pouco mais forte e dos prêmios ainda firmes, a nova valorização do Real frente ao dólar, com nossa moeda passando a R\$ 5,30/dólar e até menos em alguns momentos da semana, os preços se acomodaram. No Rio Grande do Sul, apesar de a média ter subido para R\$ 126,09/saco na semana, as principais praças locais registraram R\$ 123,00. E no restante do país os valores da oleaginosa oscilaram entre R\$ 119,00 e R\$ 126,00/saco.

Em paralelo, o plantio da nova safra de soja brasileira teria atingido, até o dia 11/09, a 0,12% da área esperada para todo o país (cf. AgRural). No Paraná, a mesma teria atingido a 3% do total esperado em 16/09 (cf. Deral). Para comparação, em 2024 o plantio havia atingido 1% da área na mesma época, enquanto em 2023 e 2022 o índice era de 6% em meados de setembro. A área plantada com soja do Paraná está estimada em cerca de 5,8 milhões de hectares, com aumento de 1% na comparação com o ano anterior.

E no Mato Grosso do Sul, com o fim do vazão sanitário em 15/09, o plantio da soja também iniciou. Espera-se uma área total de 4,79 milhões de hectares, com aumento de 5,9% sobre o ano anterior. Em clima normal, a produção deverá atingir a 15,2 milhões de toneladas, ganhando 8,1% sobre o ano anterior. Já a produtividade média projetada é de 52,8 sacos/hectare, com crescimento de 2% sobre o ano anterior (cf. Aprosoja/MS). Além do clima, os altos custos de produção preocupam os produtores locais. “Comparando com julho de 2024, observa-se alta expressiva em diversos fertilizantes: o MAP subiu 43%, o MAP Purificado 44%, a ureia 25% e o cloreto de potássio (KCL) 23%. Até mesmo insumos de uso complementar, como o Starter Manganês Platinum (+39%) e o Nitrato de Potássio (+16%), tiveram valorização relevante”.

Por sua vez, um estudo da Serasa Experian indica que a soja responde por cerca de 30% do custeio total do agronegócio brasileiro e vem vivendo, nos últimos anos, um cenário de forte oscilação de receitas, custos e margens. A partir de dados dos últimos cinco anos em diversos municípios brasileiros o estudo criou quatro categorias de análise para entender o impacto nas margens: produtores com terras próprias e sem necessidade de custeio; produtores com terras próprias e 100% de custeio financiado; produtores arrendatários e sem necessidade de custeio; produtores arrendatários e 100% de custeio financiado. Como resultado tem-se que “nas últimas cinco safras, o ciclo 2021/22 marcou o auge de rentabilidade para o produtor, com receita média de R\$ 8.465,03 por hectare, impulsionada pelo preço da saca acima de R\$ 150,00 e, em alguns casos, ultrapassando R\$ 175,00. Porém, a produtividade caiu 7% devido a condições climáticas adversas. Nos anos seguintes, a realidade mudou: em 2023/24, a receita por hectare caiu 15% em relação ao pico registrado em 2021/22, chegando a R\$ 6.922,12, acompanhada de queda de 3% na produtividade. Os custos também pesaram. Fertilizantes e defensivos subiram fortemente entre 2021 e 2022, pressionados pela pandemia e pela guerra na Ucrânia. O custo por hectare atingiu o pico em 2022/23, com R\$ 5.713,62 para produtores com terras próprias e R\$ 7.505,49 para arrendatários. Mesmo com uma leve queda posterior, os patamares seguem elevados. Esse descompasso impactou diretamente a rentabilidade. No caso do produtor proprietário, a margem média que era de 48,6% em 2020/21 caiu para 29,6% em 2022/23, e recuperou um pouco para 35,7% em 2024/25. Para o arrendatário, a situação foi mais crítica: de 27,2% em 2020/21 para apenas 7,3% em 2023/24, com recuperação parcial para 14,8% em 2024/25. Cenários com financiamento total dos custos no mercado de crédito ampliam ainda mais essa pressão, reduzindo as margens a níveis mínimos”. Assim, cada vez mais o produtor precisa de um excelente gerenciamento de sua propriedade em geral e das lavouras em específico. Isso passa pela produção, comercialização da mesma, gestão de custos e visão empresarial.

Por sua vez, no Brasil identifica-se que a participação do óleo de soja, na margem de lucro da indústria de esmagamento, praticamente se igualou à do farelo nesta semana, atingindo um patamar recorde que reflete o avanço da demanda do setor de biodiesel. A parte do óleo na margem da indústria aumentou para 49%, enquanto a do farelo passou a 51%, no dia 11/09, após o Brasil ter elevado em agosto a mistura de biodiesel no diesel a 15% no país. Lembrando que cerca de 80% do biocombustível foi feito a partir de óleo de soja, segundo dados de julho da reguladora ANP. “A título de comparação, a participação média do farelo na margem de lucro das indústrias no ano passado foi 62,2%, enquanto a do óleo foi de 37,8%, considerando-se como base os preços da soja em grão, do óleo e do farelo no Estado de São Paulo. O valor do óleo de soja, posto na região de São Paulo, com 12% de ICMS, avançou 3,4% entre 4 e 11 de setembro, atingindo a R\$ 7.531,65/tonelada no dia 11/09, o maior patamar nominal desde 18 de novembro de 2024. No período, a chamada margem de esmagamento subiu 8,3%, chegando a R\$ 495,70/tonelada. O retorno financeiro da indústria, em relação ao custo da soja, avançou para 23,9% no dia 11/09 (cf. Cepea).

Em tal contexto, espera-se que o Brasil esmague um recorde de 58,5 milhões de toneladas de soja em 2025. Esse volume seria 5% acima do registrado em 2024. E isso se deve ao impulso dado pelo biodiesel. Daí a pressão das indústrias do setor para aumentar a mistura do biodiesel ao diesel de petróleo. Com o aumento na perspectiva de processamento, o estoque final total de soja foi ajustado para 4,4 milhões de toneladas, com queda de 5,4% frente à estimativa anterior, mas ainda acima das 4,1

milhões do ano passado. Por outro lado, a produção de farelo de soja foi elevada para 45,1 milhões de toneladas, com exportações projetadas em 23,6 milhões de toneladas e consumo interno em 19,5 milhões de toneladas. Já a produção de óleo de soja foi elevada para 11,7 milhões de toneladas, com exportações de 1,35 milhão de toneladas e consumo interno de 10,5 milhões de toneladas (cf. Abiove).

MERCADO DO MILHO

Na mesma lógica da soja, as cotações do milho subiram nesta semana, mesmo com um relatório de oferta e demanda baixista para o cereal. Mas a mudança de primeiro mês cotado, em Chicago, ajudou nessa variação. Assim, o fechamento desta quinta-feira (18) ficou em US\$ 4,23/bushel, contra US\$ 3,99 uma semana antes.

Enquanto isso, o relatório de oferta e demanda do USDA, anunciado na sexta-feira dia 12/09, indicou para o ano 2025/26 uma produção estadunidense maior em cerca de 2 milhões de toneladas, com a mesma atingindo, agora, a 427,1 milhões de toneladas, enquanto os estoques finais dos EUA somariam 53,6 milhões de toneladas, praticamente repetindo o volume de um mês antes. Já a produção mundial de milho ficou estimada em 1,286 bilhão de toneladas, com recuo de 2 milhões sobre agosto, enquanto os estoques finais mundiais chegariam a 281,4 milhões, perdendo um milhão de toneladas sobre o anunciado em agosto. A produção brasileira ficaria em 131 milhões de toneladas e a da Argentina em 53 milhões de toneladas. Diante disso, o preço médio ao produtor estadunidense de milho, em 2025/26, ficou mantido em US\$ 3,90/bushel.

Além disso, até o dia 14/09, a colheita estadunidense do cereal chegava a 7% da área semeada, ficando dentro da média histórica. Por sua vez, das lavouras a colher, 67% estavam entre boas a excelentes condições, sendo que 41% das mesmas estavam em fase de maturação.

E no Brasil, apesar do leve viés de alta nos preços, em algumas regiões, no geral o mercado continua muito estável. A média gaúcha recuou para R\$ 61,92/saco, enquanto as principais praças locais permaneceram entre R\$ 59,00 e R\$ 60,00. Já nas demais localidades brasileiras, os preços oscilaram entre R\$ 46,00 e R\$ 64,00/saco. Segundo o Cepea, o suporte dos preços em algumas regiões estaria vindo da “firme demanda interna e da posição mais cautelosa de vendedores, que limitam o volume disponível”.

Dito isso, a Conab apontou que a produção total brasileira, em 2024/25, ficará 21% acima do ano anterior, atingindo a 139,7 milhões de toneladas de milho.

Por sua vez, o plantio da nova safra de verão do cereal, já para a safra 2025/26, teria atingido a 17% da área esperada no Centro-Sul brasileiro até o dia 11/09, concentrada que está nos três Estados do Sul do país (cf. AgRural).

Especificamente no Paraná, esta safra de verão já teria sido semeada em 44% da área, sendo que 98% das lavouras estariam em boas condições. Em todo o Brasil a Conab fala em 14,7% já semeados até o dia 13/09, contra 12,9% na média de cinco anos (cf. Deral).

E as primeiras estimativas de produção para a nova safra de verão começam a surgir. Analista privado aponta que, para 2025/26, a safra atingiria a 25,5 milhões de toneladas no Centro-Sul brasileiro, com leve aumento sobre o ano anterior (cerca de 700.000 toneladas). O motivo seria a melhoria da produtividade, que poderá chegar à média de 7.072 quilos/ha (117,9 sacos/ha), além de um aumento de 3% na área plantada, com a mesma passando a 3,6 milhões de hectares. Já a produção total do país poderá alcançar a 142,5 milhões de toneladas neste novo ano comercial (cf. Safras & Mercado). Tudo isso, evidentemente, se o clima colaborar. A área total de milho está prevista em 21,6 milhões de hectares em 2025/26, com aumento de 1,4% frente ao ano anterior.

Enquanto isso, as exportações brasileiras de milho, em setembro, já haviam atingido a 3,06 milhões de toneladas nos primeiros 10 dias úteis do mês. A média diária estaria apenas 0,1% abaixo do registrado em setembro/24. O preço médio pago por tonelada subiu 2,2% no período, indo para US\$ 198,80 (cf. Secex).

Enfim, no Mato Grosso, segundo relatório do Imea (Instituto Mato-Grossense de Economia Agropecuária), o custeio do milho, para a safra 2025/26, em agosto/25 fechou em R\$ 3.295,32 por hectare. Um aumento de 0,48% em relação ao mês anterior. Já o Custo Operacional Efetivo subiu 0,33% no mês, sendo projetado em R\$ 4.782,75 por hectare. Assim, o Custo Operacional Total chegou em R\$ 5.372,17/ha para a temporada, incremento de 0,28% frente a julho/25. Diante disso, o valor atual do saco de milho não chega a cobrir o Custo Operacional Efetivo, ou seja, “o preço ponderado do cereal já não é suficiente para cobrir essas despesas”.

MERCADO DO TRIGO

A cotação do trigo, para o primeiro mês cotado em Chicago, igualmente subiu nesta semana, fechando a quinta-feira (18) em US\$ 5,24/bushel, contra US\$ 5,03 uma semana antes.

O relatório divulgado no dia 12/09, para o ano 2025/26, manteve a produção estadunidense em 52,4 milhões de toneladas, porém, reduziu um pouco os estoques finais, com os mesmos ficando agora em 23 milhões de toneladas naquele país. Já a produção mundial de trigo subiu para 816,2 milhões de toneladas, ganhando quase 10 milhões sobre o indicado em agosto. Com isso, os estoques finais mundiais subiram para 264,1 milhões de toneladas, quatro milhões a mais do que o indicado em agosto. A produção da Argentina ficou projetada em 19,5 milhões de toneladas e a brasileira em 7,5 milhões. Com isso, o preço médio ao produtor estadunidense de trigo, em 2025/26, foi reduzido em 20 centavos de dólar, ficando em US\$ 5,10/bushel.

Enquanto isso, nos EUA a colheita do trigo de primavera, no dia 14/09, atingia a 94% da área, contra 92% na média histórica para a data. Já o plantio do trigo de inverno alcançava 11% da área esperada, contra 13% na média histórica para a data.

E no Brasil, os preços continuam baixando. O produto de qualidade superior, nas principais praças gaúchas, recuou para R\$ 68,00/saco, enquanto no Paraná os mesmos oscilaram entre R\$ 69,00 e R\$ 73,00/saco.

Dito isso, no Paraná a colheita da nova safra chegava a 25% da área neste início de semana, contra 34% na mesma época de 2024. Cerca de 85% das lavouras a colher estavam em boas condições, com 49% em maturação e 31% em frutificação (cf. Deral). Já no Rio Grande do Sul, 15% das lavouras estavam na fase de enchimento de grãos (cf. Emater).

Em paralelo, além da colheita, a valorização do Real diante do dólar torna a importação mais barata, ajudando a baixar o preço do trigo nacional. Ao mesmo tempo, a Conab reduziu novamente sua estimativa de colheita para o trigo nacional, com o mesmo chegando aos nossos números indicados meses atrás, ou seja, 7,5 milhões de toneladas, sendo este o menor volume desde 2020. A área total teria sido de 2,45 milhões de hectares, com queda de 19,9% em relação a 2024 (o RS diminuiu em 13,7% sua área de trigo e o PR em 28,2%, segundo a Conab). Porém, já há analistas privados apontando que a safra final poderá ficar em apenas 7,3 milhões de toneladas (cf. StoneX).

Pelo lado das importações, apesar de as mesmas terem recuado 9,5% em agosto, ao totalizarem 493.200 toneladas, a projeção para o período de janeiro a setembro é de um total importado de 5,17 milhões de toneladas neste ano, devendo se aproximar de 7 milhões de toneladas em todo o ano de 2025.

A principal mudança em agosto foi a concentração das compras na Argentina, que saltaram de 189.500 toneladas para 465.600, passando a responder por quase todo o volume importado. Em contrapartida, origens como EUA, Rússia e Uruguai, que haviam fornecido volumes relevantes em 2024, praticamente desapareceram em 2025. No destino interno, houve maior pulverização regional, com estados como Bahia, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Pará e Espírito Santo ganhando relevância, além de pequenos volumes destinados a regiões antes pouco representativas (cf. Safras & Mercado).